

ENTRE DROGAS E ALFARRÁBIOS

Entrevistador: João Azevedo Fernandes¹

Henrique Carneiro é professor de História Moderna na Universidade de São Paulo, onde se graduou e concluiu seu mestrado e seu doutorado. Doutor em História Social, desenvolve pesquisas em história da alimentação, das bebidas e das drogas, e participa do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP-USP).



Saeculum: Começamos com um pouco de ego-história. Você é filho de André Carneiro, um raro caso de grande escritor brasileiro de ficção científica², entre outros gêneros literários. De que forma um ambiente familiar propício à literatura e aos livros o influenciou na busca da carreira de historiador?

Henrique Carneiro: A primeira influência foi uma curiosidade infinita despertada pelas temáticas da ficção-científica. Num segundo aspecto, uma consciência precoce dos dramas da existência humana coletiva, como espécie planetária, cuja ciência extraordinária se acompanhava de riscos destrutivos inéditos. Os cenários da guerra nuclear, dos mundos pós-nucleares, das viagens espaciais, dos mutantes genéticos, das formas de vida extraterrestres animaram minha imaginação infantil, ao mesmo tempo que assistia aos bombardeios com napalm do Vietnã e via o caos urbano de São Paulo (muito inferior ao atual!). Isso me deu um realismo político muito aguçado acompanhado de uma imaginação utópica abundante.

Tanto o ambiente, as conversas, como as próprias estantes da biblioteca paterna, me deram uma sensação dos livros e das bibliotecas como portas para infinitas dimensões, como cristalizações da curiosidade humana em papel, dormi desde criança num quarto cheio de estantes com livros misteriosos. Isso me levou a ver no livro o objeto mais precioso da cultura humana, a síntese de milhares de anos de história, o testemunho sobrevivente de gerações passadas. Não sei até que ponto a eletrônica digital, os tablets e telas de multimídias irão substituir essa imagem tão preciosa e insubstituível do livro como um artefato supremo, envelope de mundos inteiros.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba; Pesquisador do Grupo de Pesquisa Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista (PPGH-UFPB/ Diretório CNPq). E-Mail: <joaser@uol.com.br>.

² André Carneiro (Atibaia, 1922) é um escritor, fotógrafo e cineasta brasileiro, reconhecido especialmente por sua obra de ficção científica, com destaque para o conto "A Escuridão" (1963), incluído em coletâneas internacionais como uma das melhores obras do gênero. Também publicou, entre outros, o romance *Amorquia* (1991) e a coletânea *Confissões do Inexplicável* (2007). Para maiores informações, acessar: <<http://bit.ly/14opyaV>>.

Na infância queria ser cientista, a primeira faculdade que comecei foi jornalismo, mas a História era para mim a disciplina mãe, a mais abrangente, a que incluía em seu seio todas as demais, pois cada uma encontrava a sua origem e o seu sentido no seu desenrolar diacrônico relacionado com a história geral da humanidade e do universo. Mas, a influência mais direta para a História foi a vivência política do movimento estudantil no final da ditadura (presidi as uniões de estudantes secundaristas da capital e do estado de São Paulo, UMES e UPES, entre 1980 e 1982, a emoção inigualável de sentir-se participante e testemunha de uma história em curso acelerado.

Saeculum: Como foi sua vivência da graduação, e como se desenvolveram os interesses que levaram à sua dissertação de mestrado, *Filtros, mezinhas e triacas: As drogas no mundo moderno*³. Nesse trabalho, você parte de um questionamento ao título do livro de Antonil, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas* (1711), e introduz um problema dos mais importantes para o historiador dos costumes e das práticas cotidianas, qual seja o da história das palavras, e como os sentidos se transformam de acordo com suas apropriações pelos diferentes grupos sociais. O caso das chamadas “drogas” seria exemplar desse tipo de transformação semântica?

Henrique Carneiro: O tema das drogas veio da constatação da injustiça e da falta de justificativa científica para o proibicionismo de certas drogas e a legalidade de outras. Me dei conta desde a graduação da pouca investigação sobre o tema, especialmente no Brasil, e, sob influência de Braudel e sua visão da cultura material, da esfera do cotidiano e do papel das drogas na formação do sistema moderno comecei a perceber que os estudos sobre os efeitos dessas drogas, tanto num sentido farmacológico como simbólico, era pouco ressaltado e que o desconhecimento era governado pela vigência do tabu, produzindo estigmatização e demonização de certos fármacos.

Sob influência dos estudos que buscavam novos objetos e novos enfoques na historiografia moderna, encontrei na Professora Mary Del Priore, que me orientou no mestrado e no doutorado, uma receptiva abertura ao estudo das drogas, e muitas indicações de fontes médicas que ela já utilizava para sua própria pesquisa sobre sexualidade. Descobri também uma edição fac-símile do *Colóquio das drogas...*, de 1563, de Garcia de Orta⁴, publicada no quarto centenário desse texto pioneiro de um médico português cristão-novo na Índia, no IEB-USP e pude fazer desse autor e desse tema meu objeto de pesquisa de mestrado.

Certamente, a designação dessa classe de objetos, que são os fármacos psicoativos, obedece a critérios biopolíticos, pois as drogas da indústria farmacêutica são chamadas de “remédios”. O termo droga conota algo aparentemente objetivo,

³ CARNEIRO, Henrique. *Filtros, mezinhas e triacas: as drogas no mundo moderno*. São Paulo: Xamã, 1994.

⁴ ORTA, Garcia de. *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India, e assi dalguas frutas achadas nella onde se tratam alguas cousas tocantes amediçina, pratica, e outras cousas boas, pera saber*. Goa: Ioannes de Endem, 1563.

moléculas psicoativas, mas denota sentidos morais muito arraigados devido ao regime proibicionista, que separa indevidamente as substâncias ilícitas das lícitas como o café, o tabaco ou as bebidas alcoólicas.

Saeculum: Ainda em *Filtros, mezinhas e triacas...*, você coloca um ponto fundamental: a história das “drogas” é não apenas uma história dos comportamentos, mas também a história de certa moralidade moderna. De que maneira o estudo aprofundado da obra de Garcia de Orta abriu suas perspectivas a respeito do papel das substâncias surgidas no processo de expansão europeia na formação, por um lado, da moderna ciência farmacêutica e, de outro, da paulatina criação de uma mentalidade refratária às substâncias psicoativas?

Henrique Carneiro: A partir do mestrado aprofundei-me numa bibliografia que enfocava o fenômeno do proibicionismo contemporâneo de certas drogas, desde a lei seca estadunidense até os dispositivos globais institucionais da guerra às drogas. Autores como Antonio Escohotado⁵ e Thomas Szasz⁶ mostravam os absurdos do paradigma proibicionista como heresia contemporânea, perseguida por uma inquisição farmacrática. A exclusão, em particular, das arcaicas plantas sagradas, dos chamados enteógenos, do horizonte ocidental contemporâneo, obedecia a antigas proscricões das idolatrias extáticas, dos cultos indígenas e recalcava um elemento estrutural das culturas religiosas de muitas civilizações, a experiência do êxtase, tornada, assim, um foco de colonização cultural.

Por outro lado, erigiu-se a partir de uma ideia estigmatizada de “droga” a noção do potencial intrínseco de adicção de certas substâncias, quando, na verdade, o conceito de “vício” como prática compulsiva diz respeito a muitas das formas de consumo da contemporaneidade, particularmente dos alimentos, não podendo se reduzir o significado de “dependência” apenas para a compulsividade de certos indivíduos em relação a certas drogas. A dinâmica do mercado incita ao consumo viciante de muitas mercadorias e práticas sociais, não se podendo restringir ao potencial de habituação químico a exclusividade na propensão aos quadros de alta dependência, resultados não só das substâncias, como do *set* e do *setting* (ou seja, do indivíduo e do contexto).

Saeculum: Em sua tese de doutoramento, *Amores e sonhos da flora: Afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia*⁷ você desenvolve sua preocupação com a articulação entre a descoberta e invenção de substâncias medicinais e/ ou recreativas e surgimento da botânica e farmácia modernas. É possível falar, a partir de seu ponto de vista, em um processo deliberado de separação entre a ciência moderna e as tradições médicas populares? De que forma isso ocorreu?

⁵ ESCOHOTADO, Antonio. *Historia general de las drogas*. 3 vols. Madri: Alianza, 1989.

⁶ SZASZ, Thomas. *Ceremonial chemistry: the ritual persecution of drugs, addicts, and pushers*. Syracuse: Syracuse University Press, 1974; _____. *Our right to drugs: the case for a free market*. Syracuse: Syracuse University Press, 1992.

⁷ CARNEIRO, Henrique. *Amores e sonhos da flora: afrodisíacos e alucinógenos na botânica e na farmácia*. São Paulo: Xamã, 2002.

Henrique Carneiro: A formalização de uma medicina científica obedeceu não só à difusão de novas teorias e práticas médicas, como a assepsia, a anestesia, a teoria do contágio e a identificação dos microorganismos, mas também a uma institucionalização de esferas de poder sobre os processos não apenas de cura, mas de gestão dos processos vitais, como nascimento, reprodução e morte, introduzindo cada vez mais o que Ivan Illich⁸ chamou de “heteronomia” médica. As formas de cura das sociedades tradicionais, muitas delas baseadas não só no conhecimento fitoterápico como em práticas xamanísticas, foram muitas vezes perseguidas e reprimidas, e uma parte significativa de seu arsenal, as plantas sagradas ou de poder foram estigmatizadas e proibidas. O positivismo médico começou a ser criticado, desde o interior da própria medicina, por vertentes como a psicanalítica, que buscava uma visão mais holística dos sintomas, inserindo-os num quadro formador de sentidos que necessitariam ser compreendidos pelo próprio paciente para haver a ab-reação que levaria à cura. Daí uma aproximação feita por Lévi-Strauss, no “A eficácia simbólica”, entre o xamã e o psicanalista⁹. Não se pode reduzir a ação médica a um combate aos sintomas e suas causas se não se atribuir um sentido assimilável pelos pacientes, especialmente ao se tratar de psicopatologias.

Saeculum: Em *Amores e sonhos da flora...*, você apresenta a botânica e farmácia modernas como um empreendimento fundamentalmente ligado à invenção de novas drogas e substâncias que atuassem não apenas nas doenças (tal como as vemos hoje), mas também em campos dominados por uma perspectiva moral, como a sexualidade e as experiências alucinogênicas. Que diferenças, e inter-relações, podemos perceber entre essa perspectiva moderna, estudada por você, e a atual “guerra contra as drogas”?

Henrique Carneiro: As drogas sempre foram agentes de muitas funções, não só a da cura ou do consolo dos males do corpo e da alma, como da busca de estados ampliados de consciência ou de desempenho, como estimulantes físicos, mentais e sexuais ou como analgésicos e soníferos, mas também cumpriram papéis de veículos do sagrado como produtores de êxtase.

Cada vez mais, a ciência contemporânea vem sintetizando novos fármacos que se inscrevem como moduladores psíquicos, como tecnologias de produção de subjetividades, não só com um efeito negativo de neutralizador da dor ou do cansaço, mas com efeitos positivos de intensificação da memória, do raciocínio, da criatividade ou da expressão dos afetos. Assim, empatógenos como o MDMA, psicodélicos como a Psilocibina, ou dissociativos como a *Salvia divinorum* ou o Óxido Nitroso, vem sendo estudados em seus potenciais desestressantes, eliminadores de memórias aversivas que são características dos estados de estresse pós-traumático, ou mesmo de terapias para pacientes terminais. No campo da especulação filosófica ou estética os usos de fármacos se mostram muito promissores como estimuladores de estados de meditação, de deleite sensorial ou de formas de

⁸ ILLICH, Ivan. *Medical nemesis*. Londres: Calder & Boyars, 1974.

⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. “A eficácia simbólica”. In: _____. *Antropologia estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2008, p. 201-220.

cognição não verbais.

Um dos efeitos mais nefastos da “guerra contra as drogas” foi a obstaculização da pesquisa científica desses novos fármacos. A comunidade científica internacional, especialmente os neurocientistas, vem apontando as possibilidades enormes de usos potenciais para os fármacos psicoativos que uma nova regulamentação não-proscritiva permitiria desenvolver.

Saeculum: Outra preocupação constante em sua produção se dirige aos alimentos e bebidas como objeto dos estudos históricos. Em seu livro *Bebida, abstinência e temperança na história antiga e moderna*¹⁰ você traça um amplo quadro da história das percepções sobre a experiência etílica, como fato social e cultural. Como você vê o lugar dos estudos sobre alimentos e bebidas na atual historiografia brasileira? Não estaríamos um tanto atrasados com relação à abundante produção sobre esses temas em outros contextos historiográficos?

Henrique Carneiro: De fato, a importância destes produtos na nossa história colonial deveria ter instigado um maior volume de estudos sobre todos os seus aspectos, dos econômicos aos culturais, mas, infelizmente, isso ainda é esporádico. Os estudos sobre as bebidas alcoólicas, por exemplo, vem sendo objeto de estudos mais recentes, como o seu próprio trabalho,¹¹ assim como de outros historiadores, inclusive alguns ex-orientandos meus (Alexandre Camera Varela¹² e Lucas Endrigo Avelar¹³), que tem ressaltado diversos significados da história das bebidas alcoólicas no Brasil. O café, o tabaco, o guaraná, o mate, a ayahuasca e tantas outras substâncias psicoativas ainda carecem de estudos mais recentes e abrangentes, especialmente do ponto de vista histórico, dado que, geralmente, têm sido os antropólogos que tem dado ênfase à análise de tais práticas de ingestão.

Depois do simpósio que realizei com Renato Pinto Venâncio na UFOP, publicado como *Álcool e drogas na História do Brasil*¹⁴, foram poucas as iniciativas de institucionalização desse campo de estudos, ainda estamos longe dos EUA e Europa, onde existem associações e publicações específicas sobre História das bebidas e das drogas.

Saeculum: Ao lado de sua produção historiográfica, você tem uma marcante

¹⁰ CARNEIRO, Henrique Soares. *Bebida, abstinência e temperança na História Antiga e Moderna*. São Paulo: Editora Senac-SP, 2010.

¹¹ FERNANDES, João Azevedo. *Selvagens bebedeiras: Álcool, embriaguez e contatos culturais (séculos XVI-XVII)*. São Paulo: Alameda, 2011.

¹² VARELA, Alexandre Camera. *Substâncias da idolatria: as medicinas que embriagam os índios do México e Peru em histórias dos sécs. XVI e XVII*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

¹³ AVELAR, Lucas Endrigo Brunozi. *A moderação em excesso: estudo sobre a história das bebidas na sociedade colonial*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2010.

¹⁴ VENÂNCIO, Renato P. e CARNEIRO, Henrique Soares (orgs.). *Álcool e drogas na História do Brasil*. São Paulo: Alameda; Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, 2005.

atividade política, especialmente no que diz respeito à descriminalização ou legalização das “drogas” (leia-se: “substâncias proibidas”). Nessa perspectiva, como você vê o papel da universidade, e mais ainda dos historiadores, no debate político e social na atualidade?

Henrique Carneiro: O debate sobre a regulamentação das drogas e pelo fim do proibicionismo é um dos mais candentes do nosso tempo. Esse debate remete à questões econômicas, geopolíticas e culturais. A universidade brasileira vem se inserindo cada vez mais no seu papel de interlocutora autorizada nesses debates, e tem havido diversos eventos e teses sobre o assunto (em maio haverá em Brasília um Congresso Internacional sobre Drogas), mas ainda são insuficientes diante da presença de grupos de interesse promotores do obscurantismo e distantes do enfoque científico, especialmente igrejas puritanas dedicadas à campanhas de intolerância diante das minorias.

O debate sobre drogas tem um significado político, mas os argumentos centrais na polêmica sobre as formas de regulação são de fundamentação científica, tanto da Medicina, da Farmacologia e da Bioética, como da Antropologia, da Sociologia e da História, a partir dessas disciplinas que as ciências jurídicas podem obter informações, evidências e teorias necessárias para o esclarecimento sobre os efeitos psicossomáticos e sociais do uso das diferentes drogas em distintos contextos, sempre tendo a compreensão de que esses efeitos são biopsicossociais, ou seja, abrangem a materialidade das moléculas, o imaginário das expectativas de cada um e os quadros simbólicos coletivos.

Os usos problemáticos, abusivos, crônicos ou excessivos não são majoritários em relação a maior parte das substâncias, inclusive o álcool, mas, como no título da obra clássica organizada por Mary Douglas¹⁵, são formas “construtivas” de beber. Os estudos das formas de adicção, assim como de outras formas mais integradas de consumos psicoativos ainda tem um grande campo para ser estudado no Brasil e as condições de legalização regulamentada desses consumos permitirá condições sociais de menores riscos e danos.



¹⁵ DOUGLAS, Mary (ed.). *Constructive drinking: perspectives on drinking from Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.